

RESENHA

Identidade Identity

Claudia de Mendonça CASCAPERA

RESUMO

Na obra *Identidade*, Zygmunt Bauman discute questões ligadas à modernidade que ele chama de “líquida”, assim termos como comunidade, pertencimento, identidade e outros são abordados por não serem tão estáveis quanto possam parecer. Nossas “identidades” culturais, religiosas, sociais e outras mais que podemos ter, constantemente modificadas, renovadas, transformadas no líquido da modernidade em que estamos imersos.

Palavras-chave: globalização, identidade, modernidade líquida, pertencimento.

ABSTRACT

In the book *Identity*, Zygmunt Bauman discuss some questions connected to the modernity designed by him as “liquid”. In this way, terms alike community, sense of identity, identity and others are studied in the perspective of not being so stable as they seem to be and the cultural, religious, social e another “identities” we can have, they are constantly changed, renewed, transformed in the liquid of the modernity in which all of us are immersed.

Index Terms: consumption, freedom, identity, liquid modernity.

Identidade

Na obra *Identidade* de Zygmunt Bauman, encontramos longa discussão sobre possíveis “identidades”, sentimentos de pertencimento a determinadas comunidades, círculos culturais, nação. O autor trabalha a idéia de que o pertencimento ou a identidade, nesses casos, não são definitivos nem tão sólidos assim, mas negociáveis e revogáveis; tudo depende das decisões que o indivíduo toma, do caminho que percorre e da maneira como age.

Dentro desse círculo de pertencimento — identidade —, poucos de nós, ou quase ninguém, está exposto a apenas uma comunidade de idéias e princípios de cada vez, como no exemplo citado por Bauman, de uma colega que é: mulher, húngara, judia, norte-americana e filósofa, ou seja, sobrecarregada de identidades para uma pessoa só.

As identidades flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas. (BAUMAN, 2005, p. 19)

Em relato sobre a Polônia, pouco antes da Segunda Guerra Mundial irromper, foram coletados dados sobre a auto-identificação nacional de todos os indivíduos do Estado polonês. Em cerca de um milhão de casos os funcionários falharam porque os entrevistados não entendiam o que era uma nação nem o que significava ter uma nacionalidade. É importante lembrar que a Polônia era, então, uma sociedade multiétnica e que partes do país eram habitadas por uma mistura inusitada de grupos étnicos, credos religiosos, línguas e costumes. As pessoas entrevistadas tinham apenas uma resposta que lhes fazia sentido: “somos daqui”, “somos deste lugar”.

Perguntar para uma pessoa quem ela é, só faz sentido quando se acredita que ela é algo diferente de você, algo além.

Bauman nos fala sobre a família, estado e igreja, presentes e importantes na “constituição da identidade” das pessoas. Afirma também que hoje as relações, eletronicamente mediadas, tendem a ser frágeis e fáceis de serem abandonadas (diferentes dos três pilares citados, família, estado e igreja, que de uma certa forma se apresentam solidamente), estabelecem-se relações quando se está “surfando na rede” mas dessa forma a capacidade de estabelecer interações espontâneas com pessoas reais se perde nesses relacionamentos virtuais.

É nisso que nós, habitantes do líquido mundo moderno, somos diferentes. Buscamos, construímos e mantemos as referências comuns de nossas identidades em movimento — lutando para nos juntarmos aos grupos igualmente móveis e velozes que procuramos, construímos e tentamos manter vivos por um momento, mas não por muito tempo. (BAUMAN, 2005, p. 32)

Falando sobre globalização e as conseqüências desse processo para a “identidade” — uma vez que nos leva a crer que o Estado não tem mais poder ou desejo de manter uma união sólida e inabalável com a nação —, encontramos-nos em nossa época líquido-moderna em que o indivíduo livremente flutuante, desimpedido é o herói popular, pois estar fixo e ser identificado de modo inflexível e sem alternativa é algo muito malvisto.

Na sociedade líquido-moderna, segundo Bauman, nos ligamos aos nossos celulares e desligamo-nos completamente da vida sendo capazes de andarmos em uma rua cheia sem ver as pessoas. Em 1994, um cartaz foi espalhado pelas ruas de Berlim, ele dizia “Seu Cristo é judeu. Seu carro é japonês. Sua pizza é italiana. Sua democracia, grega. Seu café, brasileiro. Seu feriado, turco. Seus algarismos, arábicos. Suas letras, latinas. Só o seu vizinho é estrangeiro.” (apud POZNAN, 2002, p. 13).

“Identificar-se com...” significa dar abrigo a um destino desconhecido que não se pode influenciar, muito menos controlar. Assim talvez seja mais prudente portar identidades na forma como Richard Baxter, pregador puritano citado por Marx Weber, propôs que fossem usadas as

riquezas mundanas: um manto leve pronto a ser despido a qualquer momento. Lugares em que o sentimento de pertencimento era tradicionalmente investido (trabalho, família, vizinhança) são indisponíveis ou indignos de confiança, de modo que é improvável que façam calar a sede por convívio ou aplaquem o medo da solidão e do abandono (BAUMAN, 2005, p. 37).

Interessante pensar naqueles que modificam sua identidade de acordo com a própria vontade, escolhendo-as diante de amplas possibilidades, contrariamente àqueles que não têm direito a se manifestar e se encontram oprimidos por identidades impostas pelos outros, identidades de que eles próprios se ressentem mas não têm permissão para abandonar. São elas que estereotipam, estigmatizam, etc.

Muitas vezes o medo corrompe o prazer de selecionar uma identidade estimulante pois sabemos que se fracassarmos, uma identidade indesejada tomará conta daquela que escolhemos.

Max Frish (escrevendo na Suíça onde as escolhas individuais são costumeiramente consideradas (e tratadas) como inválidas, a menos que tenham o carimbo da aprovação popular (inflexível)), definiu a identidade como a rejeição daquilo que os outros desejam que você seja (apud BAUMAN, 2005, p. 45).

Se você foi destinado à subclasse (abandonou a escola, viciado, mendigo, etc.) qualquer outra identidade que você venha a ambicionar lhe é negada a priori. O significado de identidade da subclasse é ausência de identidade.

Na entrevista que constitui o livro *Identidade*, ao ser perguntado sobre o fenômeno da globalização, Bauman afirma que é preciso compor a sua identidade da forma como se compõe um quebra-cabeça, porém, um quebra-cabeça incompleto, onde faltam muitas peças e que jamais saberemos quantas. Neste processo de montagem é necessário saber escolher as peças e colocá-la no local adequado, porém, o trabalho não é

direcionado ao fim tal qual os quebra-cabeças comprados nas lojas, mas aos meios, não se começa pela imagem final, mas por uma série de imagens já obtidas ou que pareçam valer a pena ter para montar tantas imagens.

Quando se trata de pertencer a uma classe é necessário provar por atos que se pertence a ela, pela vida inteira e não somente mostrar uma certidão de nascimento.

Estamos agora passando da fase “sólida” da modernidade para a fase fluída. E os “fluidos” são assim chamados porque não conseguem manter a forma por muito tempo e, a menos que sejam derramados num recipiente apertado, continuam mudando de forma sob a influência até mesmo das menores forças. Num ambiente fluído, não há como saber se o que nos espera é uma enchente ou uma seca. Não se pode mais esperar que as estruturas durem por muito tempo.

Muitos movimentos em busca de comunidade/reconhecimento que aparecem em lugares onde a questão nacionalista parecia ter sido resolvida, podem ser interpretados como o ressurgimento do nacionalismo, o que é uma definição errada para a nova safra de reivindicações à autonomia ou independência, o que acontece é uma tentativa séria e desesperada de proteger-se dos ventos globalizantes (gelados ou abrasadores).

Segundo Bauman, a palavra “cultural” quer dizer o que é politicamente correto, pois a palavra cultura entrou em nosso vocabulário dois séculos atrás com o significado “antônimo de natureza”, denotando características humanas, produtos, efeitos colaterais das escolhas dos seres humanos, feitas e desfeitas pelo homem.

Hoje em dia, conforme apontado por Bauman em outro texto, para Robert Musil havia o “Homem sem qualidades” e após esse, surgiu o homem sem vínculos, que é o homem líquido-moderno, aquele que vive sem vínculos de relacionamentos, de compromissos, aquele que não está seguro quanto ao tipo de relacionamento que deseja ter.

Referências bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt (2001). **Modernidade Líquida**. Título Original: **Liquid Modernity**. Tradução: Plínio Dentzien, autorizada da edição inglesa publicada em 2000 por Polity Press, Oxford, Inglaterra. Jorge Zahar Editor, 2001. 258 p.

Autora

Claudia de Mendonça Cascapera

Pedagoga licenciada pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo e mestranda na área de Linguagem e Educação pela mesma Universidade.

claudia.cascapera@gmail.com



Como citar este artigo:

CASCAPERA, Claudia de Mendonça. **Identidade**. Resenha in Revista ACOALFAPlp: Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua portuguesa, São Paulo, ano 2, n. 3, 2007. Disponível em: <<http://www.mocambras.org>> e ou <<http://www.acoalfaplp.org>>. Publicado em: setembro 2007.